



Fig. 1: Yunchul Kim. Cortesia Bienal do Mercosul. Imagem: Thiéle Elissa.

OPINIÃO

14ª BIENAL DO MERCOSUL: IDENTIDADES DE UM ESPETÁCULO FUGAZ

HENRIQUE MENEZES
ABCA/RIO GRANDE DO SUL

RESUMO: Neste artigo de opinião, o autor apresenta reflexões sobre a 14ª Bienal do Mercosul, realizada em 2025, intitulada “Estalo”. Com curadoria de Raphael Fonseca, a exposição apresentou uma reflexão sobre rupturas e metamorfoses abruptas que condicionam – ou atuam como estopim dos – comportamentos, ativando proposições que de alguma forma revelam-se transformadoras. O artigo se concentra na coesão visual como grande individualizador desta edição, que resgata, também, a aura de edições pregressas, relevantes por suas posturas contundentes; o texto destaca ainda as fragilidades da mostra, concebida em torno de um tema excessivamente elástico, tão obtuso quando opaco.

PALAVRAS-CHAVE: Bienal do Mercosul; arte contemporânea; bienais; Sul Global.

ABSTRACT: In this opinion piece, the author presents reflections on the 14th Mercosul Biennial, held in 2025, entitled “Estalo”. Curated by Raphael Fonseca, the exhibition presented a reflection on abrupt ruptures and metamorphoses that condition – or function as triggers for – behaviors, activating propositions that, in some way, prove to be transformative. The article focuses on visual cohesion as a great individualizer of this edition, which also rescues the aura of previous editions, relevant for their forceful positions; the text also highlights the weaknesses of the exhibition, conceived around an excessively elastic theme, as obtuse as it is opaque.

KEYWORDS: Mercosul Biennial; contemporary art; biennials; Global South.



Pensemos em uma cidade longínqua, localizada no extremo meridional do Brasil, separada por uma viagem com duas horas de duração a contar das capitais que concentram os equipamentos culturais nacionais, tão afastada no mapa quanto o Norte ou o Nordeste, bem como equidistante do centro econômico do país. A cada dois anos, essa cidade recebe um evento que converge holofotes internacionais ao seu ecossistema local, uma manifestação de revigor que desde 1997 atua como catalisadora da reflexão contemporânea nas artes visuais: Porto Alegre abriga a Bienal do Mercosul – uma bienal que perdura mesmo periférica, paradigmática em sua essência, desde outrora, quando perspectivas decoloniais não protagonizavam – merecida e tardiamente – nossas instituições.

Neste artigo de opinião, proponho alguns apontamentos sobre a 14ª Bienal do Mercosul – edição que reuniu 77 artistas em um espetáculo vibrante, coerente em seu intento medular. Em 2025, com curadoria de Raphael Fonseca, a mostra foi concebida a partir da volátil imagem de um *estalo*, compondo uma reflexão sobre rupturas e metamorfoses abruptas que condicionam – ou atuam como estopim dos – comportamentos, conjunções globais ou locais, individuais ou coletivas, ativando proposições que de alguma forma revelam-se transformadoras. Sem desvelar ao panfletário, trata-se de uma bienal que resgata, em parte, a aura de edições pregressas, relevantes

Fig. 2: Berenice Olmedo. Cortesia Bienal do Mercosul. Imagem: Thiéle Elissa.

por suas posturas contundentes. Um evento que se consolidou ao construir sua trajetória à tangente do eurocentrismo, que teve a autonomia como norteador fulcral de sua vocação: uma exposição essencialmente periférica em seus discursos e ações. Uma bienal que (quase) sempre fez a lição de casa.

Visualmente deslumbrante – emprego conscientemente esse termo tão desgastado pela reiteração coloquial –, a 14ª Bienal concentra-se em torno de um tema excessivamente elástico: em um *estalo*, tudo e qualquer coisa podem figurar. De antemão – e talvez confirmando tal sensação –, o texto curatorial parece entender sua limitação como sintagma estéril ao se defender: “Algumas das pesquisas presentes na bienal [...] por mais que pareçam mais silenciosas, apenas pelo fato de existirem, já podem ser enxergadas como um estalo”. Ao longo do manifesto oficial, são formuladas ainda ressalvas que esgarçam a incompreensão: “O suor que um dia correu um corpo devido ao medo se torna num suor que é fruto do prazer, do calor, da coragem e de

proposições afirmativas – este é, em linhas gerais, o ritmo que desejamos imprimir a esta edição da Bienal do Mercosul”. Em que pese a qualidade preponderante nas escolhas artísticas da exposição, o título funciona como um aglomerador de nomes em torno de um cerne tão obtuso quanto genérico, no qual a opacidade é travestida de riqueza semântica.

À esteira de edições históricas – como aquelas curadas por Sofia Hernandez Chong Cuy (“Se o clima for favorável”, 2013) e José Rocca (“Ensaio de Geopoética”, 2011) –, a bienal deste ano alcança envergadura pela multiplicidade e magnitude de seu elenco: somado a tal feito, acredito que o grande individualizador desta edição seja a coesão visual alcançada, onde reiteradamente luz, ação, desorientação e pirotecnia elevam-se como crivo das escolhas. Um exitoso feito: caminhar pelos espaços ocupados pela bienal nos convoca a um percurso que transpõe o *estalo* a um cintilante espetáculo de linguagens: em cada cena, apresentam-se manifestações contemporâneas de afrofuturismo, descortinam-se indagações urgentes ao

antropoceno, evocando com frequência o pós-humano sem deixar de facejar afirmações identitárias e históricas.

Nenhuma outra Bienal do Mercosul apostou tanto no estrondo estético – embora seja necessário prestar justiça a mecanismos curatoriais que marcaram edições passadas (a exemplo da chamada *Cidades dos Containers* em 2001 ou obras inesquecíveis e polêmicas como a *Casa Monstro*, de Henrique Oliveira em 2009). Com seus barroquismos, sinto nesta exposição de 2025 uma ressonância da Bienal da Antropofagia – referência à XXIV Bienal Internacional de São Paulo, em 1998, na qual Paulo Herkenhoff formulou um tratado sobre as diferenças culturais que se tornam desigualdades por um canibalismo simbólico. Se naquele momento a *globalização* era o grande assunto, hoje, a curadoria de Raphael Fonseca em Porto Alegre revisiona e expande as complexidades, conflitos e os novos poderes em um planeta pós-Internet. Para além das afeições conceituais, as duas exposições operam pelo excesso, partilham de uma paleta efusiva, impactam pelo uso de agigantados murais, para além das



luzes, do brilho e de sobreposições quase carnavalescas no espaço arquitetônico.

A bienal marca presença em 18 endereços na cidade - como já haviam proposto outras edições da mostra, talvez à imagem de Veneza -, tornando inviável, neste artigo, uma revisão ampla e pormenorizada de seus destaques. Proponho descrições primeiras, breves, é verdade, focadas em dois núcleos expositivos e duas mostras individuais.

No Farol Santander - de todos, talvez o espaço com a identidade mais definida e um adequado marco zero para se iniciar o percurso - foram reunidos artistas em uma subexposição batizada “*uma televisão fora do ar chiando de madrugada na sala*”: logo à entrada, um grande relicário futurístico de Yunchul Kim (Coreia do Sul, 1970) recebe o público, acompanhado por esculturas em metal e silicone de Berenice Olmedo (México, 1987) - como ciborgues assemelhados

a corpos femininos, compostos de próteses e órteses translúcidas. O pensamento maquínico e tecnólatra evolui com excelentes trabalhos de Eduardo Montelli (Brasil, 1989) - em uma pesquisa sobre a linguagem dos *gifs* - e Vitória Cribb (Brasil, 1996), com uma narrativa em realidade virtual projetada em sincronia com intrincadas indagações metafísicas.

Para a Fundação Iberê Camargo, a curadoria parece ter feito uma respeitosa concessão - tanto à arquitetura quanto ao nome do pintor que batiza a instituição -, ordenando os artistas em cada uma das salas (como em pequenas mostras individuais), focando sua seleção em um ecossistema plástico tão grotesco quanto introspectivo - embora nunca apaziguado. Da terra, avivam-se figuras soturnas: são as cerâmicas ancestrais de Julia Isídrez (Paraguai, 1967) e os incógnitos seres de Darks Miranda (Brasil, 1985), enformados com o mesmo material. Letícia Lopes (Brasil, 1988) - artista conhecida pelo público gaúcho em uma trajetória que se adensa a cada nova exposição - põe em cena pinturas sobre papel,

em grande formato, contornadas por veludo e sutilmente adornadas por folhas de ouro, materializando o que poderiam ser presságios ou pesadelos.

Marcada pela crueza na exposição dos corpos - o que justifica sua montagem em uma sala isolada no Espaço Força e Luz - a obra de Paul Mpagi Sepuya (Estados Unidos, 1982) desconstrói a linguagem tradicional do retrato, subvertendo o ambiente do estúdio fotográfico ao revelar cenários em composições igualmente realistas e artificiais. Suas lentes atuam como mecanismos de exacerbação das intimidades: ao embaralhar e espelhar o ambiente, os experimentos do artista reiteram o protagonismo dos corpos *queer* entregues às relações de privacidade ou exibicionismo - no universo de Sepuya, a imagem apresenta-se como índice de uma contemporaneidade lírica, obscura e fragmentária. Por fim, Randolpho Lamonier (Brasil, 1988) arma um cativeteiro lisérgico em uma das galerias do MACRS, grafando pelas paredes, agressivamente, um texto confessional, pungente em exacerbar o que mais íntimo poderia ser compartilhado na relação artista-

Fig. 3: Letícia Lopes. Cortesia Bienal do Mercosul. Imagem: Thiéle Elissa.



público: um relato doloroso sobre existir.

Em boa hora, “Estalo” nos entrega uma megaprodução com ares de *blockbuster*. Lembremos que Porto Alegre recupera-se de uma catástrofe natural que inundou suas ruas, contaminando os ânimos de uma cidade já não muito vibrante – um rótulo que nos idos de 1960 foi sugerido por Iberê Camargo, quando propagou a alcunha de *Marasmo Cultural*. Em uma profusão de luminescência, com irrisória profundidade em seus programas públicos e educativos, a 14ª Bienal alcança a heterogeneidade que agrada a todos – dos que esperam alguma densidade aos que contentam-se com o maravilhamento superficial dos sentidos. O olhar do público gaúcho, cinzento, agradece.

Fig. 4 (esq): 4 (dir): Rochelle Costi. Cortesia Bienal do Mercosul. Imagem: Thiéle Elissa.

Fig. 5 (dir): Urmeer. Cortesia Bienal do Mercosul. Imagem: Thiéle Elissa.



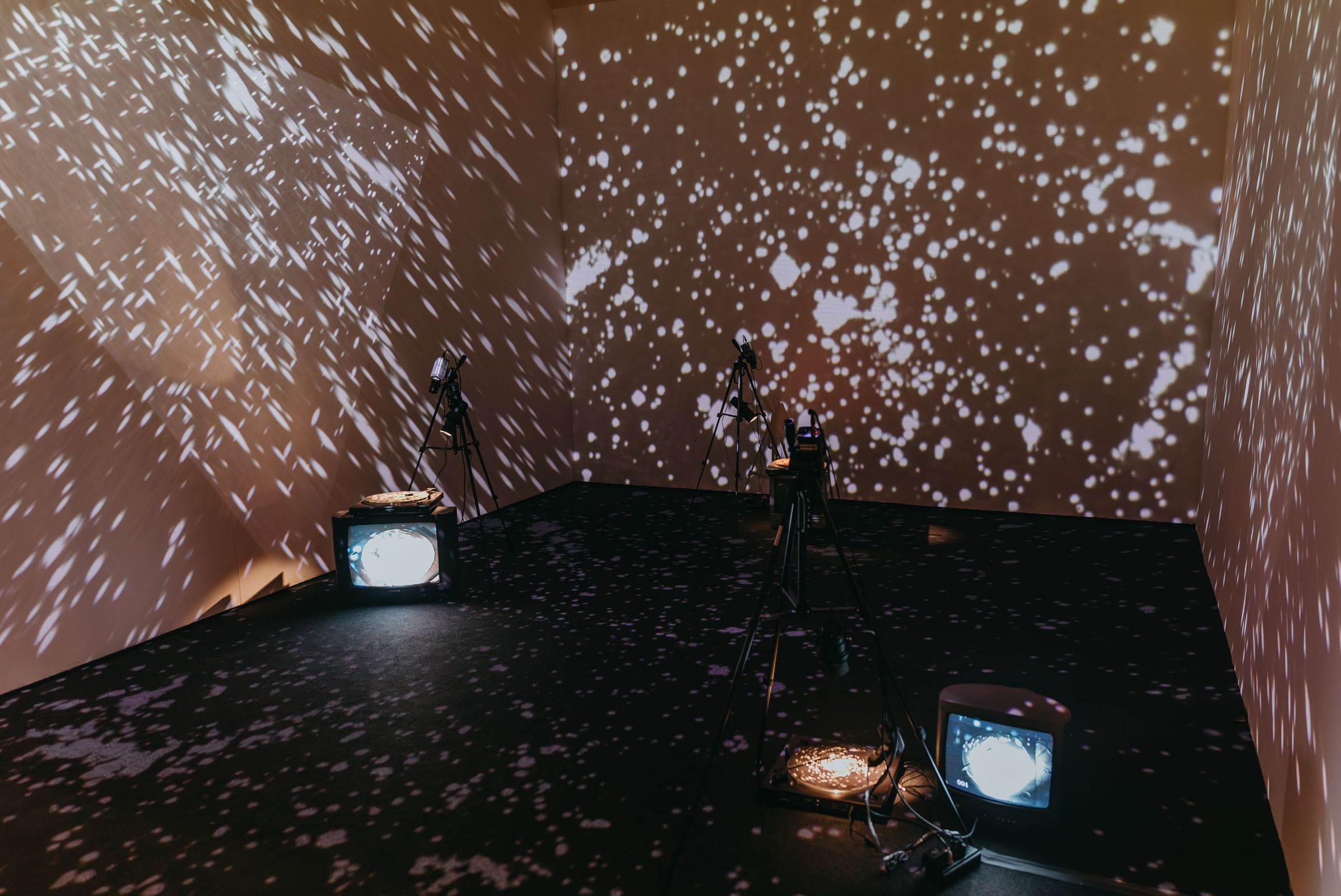


Fig. 6: Claudio Goulart. Cortesia Bienal do Mercosul. Imagem: Thiéle Elissa.

HENRIQUE MENEZES

Pesquisador, curador e integrante da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Entre 2018 e 2019, atuou na Fundação Iberê Camargo como curador assistente, integrou o Comitê de Curadoria e Acervo do MACRS (Museu de Arte Contemporânea - 2020-2022) e compôs o Conselho Curatorial da Fundação ECARTA (2019). Graduado pela UFRGS, tem pós-graduação em Estudos Curatoriais e Arte Contemporânea pela Universidade de Lisboa. Na Fundação Iberê, curou a mostra “Continuum” (2018), além de assinar projetos curatoriais e textos para instituições como AC Institute (Nova York), Espacio de Arte Contemporáneo (Uruguai), Museu do Trabalho, Galeria Bolsa de Arte, SESC Copacabana e Casa FIAT de Cultura.